

SEMINÁRIO “MODELOS DE COOPERAÇÃO NO DOMÍNIO DAS CAPACIDADES DE DEFESA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES”

Instituto da Defesa Nacional, 29 de março de 2012

CONCLUSÕES

1. A Europa está atualmente confrontada com um duplo desafio: por um lado, colmatar as lacunas muito significativas em determinadas capacidades militares críticas, num contexto em que a nova estratégia de defesa Norte-americana, materializada no passado mês de janeiro, se vai traduzir numa redução da sua contribuição e diminuição da presença na Europa, com as inevitáveis consequências também para Portugal; e, por outro lado, encontrar soluções inteligentes e criativas em matéria de segurança e defesa, as quais estarão condicionadas por uma situação que é ainda de crise económica e financeira e, sobretudo, por uma nova disciplina orçamental europeia que vai colocar futuramente restrições acrescidas sobre as despesas públicas dos Estados.
2. Neste quadro, iniciativas como o *Pooling & Sharing* e a *Smart Defence* aparecem como sendo a resposta adequada aos novos condicionalismos e exigências anteriormente referidos, dando corpo a um novo paradigma que tem como ideias-força: coordenar esforços e projetos, melhorar a eficiência, otimizar a

afetação de recursos, integrar forças e reforçar capacidades, conferir valor acrescentado e relevância, garantir a interoperabilidade dos sistemas e conferir maior alcance estratégico às políticas e ações em matéria de segurança e defesa na Europa.

3. Em consequência, um dos maiores desafios que se coloca hoje aos decisores políticos europeus, até do ponto de vista da sua coesão política e económica, consiste em fazer dos constrangimentos financeiros uma oportunidade para novas abordagens sistémicas e políticas inteligentes de cooperação em matéria de defesa, incluindo o estreitamento da colaboração entre a UE e a NATO, nomeadamente no quadro de mecanismos permanentes de gestão de crises. Relevam-se como dimensões fundamentais: operações, reabastecimento aéreo, treino, logística/serviços, vigilância marítima, apoio médico, I&D, infra-estruturas, procurement e cooperação tecnológica e industrial, como aliás a EDA tem vindo a identificar.
4. As recentes declarações de intenção dos ministros nas reuniões de 22 de Março do Comité Director da EDA e do Conselho de Relações Externas da UE, relativamente ao desenvolvimento partilhado de uma capacidade de reabastecimento aéreo e à criação de unidades modulares médicas multinacionais, são

demonstrativas de uma vontade política crescente na Europa de se explorarem as potencialidades de uma cooperação multinacional de defesa, para colmatar lacunas essenciais nas capacidades militares europeias, num ambiente de contenção orçamental. O grande desafio é agora passar das declarações à ação.

5. Sendo certo que Portugal vai ter fortes constrangimentos a nível da despesa pública durante vários anos, isso constitui razão acrescida para adotar uma estratégia devidamente focalizada de operacionalização do *Pooling&Sharing* ou da *Smart Defence*, relevando necessariamente o sentido e o alcance da cooperação com outros países, tanto a nível bilateral como multilateral, visando promover o desenvolvimento e a sustentação partilhada das suas capacidades militares e, bem assim, aprofundar as políticas de cooperação regional (no domínio da defesa) já existentes, dando especial ênfase à cooperação bilateral. A este propósito, constitui um imperativo, integrar a base tecnológica e industrial de defesa nacional, conferindo prioridade ao incentivo das componentes de investigação e desenvolvimento (I&D) *de defesa e ao desenvolvimento e exploração de capacidades com elevado potencial para a exportação*, em estreita cooperação com os países membros de organizações internacionais e

multinacionais a que Portugal pertence, ou seja, colocar a economia da defesa ao serviço da inovação e da competitividade.

6. Releva-se o facto das iniciativas implementadas por alguns países europeus, terem um carácter essencialmente regional, nalguns casos bilateral, nomeadamente a cooperação Franco - Belga no treino de pilotos de caça, o acordo Franco - Britânico para o uso comum de porta - aviões, a iniciativa Franco - Alemã para o treino de pilotos de helicóptero ou a cooperação Belga - Holandesa no sector naval. Um bom exemplo desta lógica de cooperação regional está patente na Cooperação de Defesa Nórdica - NORDEF, como aliás foi apresentada neste seminário, envolvendo a Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca e a Islândia, com muitas atividades e projetos nas áreas do Desenvolvimento Estratégico, Capacidades, Recursos Humanos e Educação, Treino e Exercícios, Logística e Operações.
7. Nas diversas áreas de Pooling&Sharing existem oportunidades para a indústria nacional, muito particularmente as indústrias de defesa, dadas as suas capacidades para participar em iniciativas que envolvam, entre outros, os seguintes sectores: apoio logístico, manutenção, educação e treino, vigilância marítima e sistemas de informação, sendo que algumas destas iniciativas são de baixo custo e com possibilidade de oferecerem resultados

imediatos. Também as comunicações e teledeteção, materiais e estruturas, robótica e automação e aeronáutica, constituem domínios onde existem capacidades significativas a nível da produção de tecnologias de duplo uso e que devem entrar nesta equação. Acima de tudo, é necessário inteligência económica e estratégica para fazer das iniciativas de Pooling & Sharing e/ou de Smart Defence um instrumento de modernização do tecido empresarial português, até porque cada vez mais as tecnologias são de duplo uso, e para promover novas iniciativas empresariais com elevado valor acrescentado.